O PARALELO DA FELICIDADE

Até onde vai sua imaginação?

ALISON DE JESUS SANTOS
ANA CLARA SILVA SOUSA
BÁRBARA LORENA MARIA DOS SANTOS
MARIA ABIGAIL FONTES MOREIRA
MARIA LARISSA NUNES DE OLIVEIRA
RAIANE DA SILVA OLIVEIRA

O PARALELO DA FELICIDADE

ATÉ ONDE VAI SUA IMAGINAÇÃO?

2021

O PARALELO DA FELICIDADE:
ATÉ ONDE VAI SUA IMAGINAÇÃO?

Comissão Organizadora:

Ana Clara Silva Sousa

Alison de Jesus Santos

Bárbara Lorena Maria dos Santos

Maria Abigail Fontes Moreira

Maria Larissa Nunes de Oliveira

Raiane da Silva Oliveira

Comissão Científica:

Alan Bruno Silva Vasconcelos

Daniel Delgado Queissada

Jandson de Souza Santos

Maique dos Santos Bezerra Batista

P221p

O paralelo da felicidade: até onde vai a sua imaginação? / Organizadores: Ana Clara Silva Sousa et al. – Paripiranga, BA: AGES, 2021.

42 p. il.

Inclui bibliografia:

ISBN 978-65-996353-0-4

1. 1. Felicidade 2. Sonhos. 3. Narrativas. I. Sousa, Ana Clara Silva II. Título.

CDU 2. ed. – 821.134.3(81)-34

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária da AGES

COMO REFERENCIAR O MATERIAL

SOUSA, Ana Clara Silva.; SANTOS, Alison de Jesus.; DOS SANTOS, Bárbara Lorena Maria.; MOREIRA, Maria Abigail Fontes.; DE OLIVEIRA, Maria Larissa Nunes.; OLVEIRA, Raiane da Silva. O paralelo da Felicidade: até onde vai sua imaginação? – AGES: Paripiranga, 2021. ISBN:

APRESENTAÇÃO

Esse livro é resultado de um conjunto de experiências vivenciadas na Unidade Curricular de Biossistemas no Centro Universitário AGES. As narrativas discutidas estão distribuídas em onze capítulos traçando um percurso que se inicia por um sonho que vai se materializando ao longo de uma jornada. Mas como toda jornada da vida, nem tudo sai como planejado e a felicidade deve continuar sendo encontrada nos desvios desse caminho. Conheça esse caminhar nesta narrativa criativa de sonhos de Fernando.

Para muitos cursar medicina é um dos seus maiores sonhos, para Fernando esse sonho não era diferente. Após muito estudo, a aprovação chega! É a chance de ser alçado de uma realidade com oportunidades reduzidas, para um mundo novo, e em especial para a tão sonhada especialização em cardiologia, sistema esse que levou a morte da sua maior fonte de inspiração: seu pai. Dentro desses anos de faculdade, Fernando foi vítima de diversas situações boas, como a tão esperada gravidez do seu amor de infância Marta, além da forte conexão com Carlos, amizade que teve como lema: da faculdade para a vida. No entanto, as coisas não saíram como esperadas, e Fernando teve muitas surpresas ao longo do caminho em que a reinvenção é necessária para compreender que a felicidade não está no fim do sonho realizado, mas na jornada que foi cumprida.

O leitor, nas entrelinhas do texto, perceberá nas texturas da letras as ideias de felicidades tecidas por Viktor Frankl “a felicidade é como uma borboleta. Quando mais a perseguimos, mais foge. Mas se voltamos a atenção para outras coisas, ela vem e suavemente pousa em nosso ombro. A felicidade não é como um hotel no caminho, mas sim uma forma de caminhar pela vida”.

Desejamos que tenham uma ótima leitura e aprendizagem com as experiências de Fernando.

Maique dos Santos Bezerra Batista

CREF 004050-G/SE

Sumário

Capítulo I - Fernando e Marta ---------- 5

Capítulo II - Anos Depois ---------- 7

Capítulo III - A despedida---------- 9

Capítulo IV - O Casamento ---------- 11

Capítulo V- Nem tudo é o que parece---------- 13

Capítulo VI- Uma aprovação e várias mudanças ---------- 15

Capítulo VII - A chegada e os primeiros dias em São Paulo ---------- 17

Capítulo VIII- Carlos ----------19

Capítulo IX - De volta á realidade ---------- 20

Capítulo X- Fim do semestre ---------- 22

Capítulo XI - Voltando pra Monte Santo---------- 23

Capítulo XII- Almoço ---------- 25

Capítulo XIII - Mal entendido ---------- 26

Capítulo XIV - Último Dia ---------- 28

Capítulo XV - Problemas ---------- 29

Capítulo XVI - Surpresa ---------- 31

Capítulo XVII - Angústia ---------- 32

Capítulo XVIII - Luzes vermelhas ---------- 33

Capítulo XIX - O último “piiiii“ ---------- 35

Capítulo XX - Um momento de Felicidade ---------- 36

Capítulo XXI - A verdade ---------- 39

CAPÍTULO I

FERNANDO E MARTA

Três janelas, duas portas, um corredor que dava volta do início da nossa casa até o quintal, essa era a fachada da nossa pequena residência no interior da Bahia, Monte Santo. Uma casinha humilde com piso vermelho, paredes amarelas, portas e janelas de madeira e um telhado cheio de goteiras.

Após um dia normal como qualquer outro, ao chegar da escola, ouço um barulho de caminhão, por ser uma rua calma e com vizinhança tranquila, esse barulho me chamou atenção, uma surpresa: vizinhos novos!

Ao lado da minha casa havia um sobrado de estilo antigo que encontrava-se com placa de "aluga-se" há um bom tempo. Meu pai me contou que a casa estava sendo alugada por uma família que veio de uma cidade grande com a intenção de montar uma loja de roupas aqui no interior. Logo, fui em busca de conhecê-los, me deparei com uma garota baixa, cabelos encaracolados cor de mel, pele clara, bochechas rosadas. Ao vê-la senti um frio na barriga e o coração acelerado, de início não entendi quais sensações eram aquelas, mas, algo me dizia que iria descobrir. Logo atrás dela, avistei um casal com roupas elegantes. Fiquei acanhado e resolvi não me aproximar.

Ao adentrar a sala de aula, me deparei de início com ela, logo, percebo que estudaremos na mesma sala, isso me anima! Sou tímido, porém, aquela menina que eu não faço ideia de quem seja, aguçou a minha curiosidade e decido me aproximar.

- Oi, como tá sendo o seu primeiro dia de aula?
- Oi, até o momento estou estranhando algumas coisas. – disse ela com timidez.
- Por falar nisso, acabei esquecendo, prazer, sou Fernando. E você como se chama?
- Me chamo Marta. – respondeu com um sorrisinho disfarçado.
- Vi que você é minha vizinha.
- Sim, eu o vi nos observando.
- Aquelas pessoas que estavam vestidas com umas roupas chiques, são seus pais?

Ela deu uma risadinha e respondeu: - Sim, são meus pais. Nós viemos de Feira de Santana por causa do trabalho do meu pai.

- Seu pai trabalha com venda de roupas? É verdade que vocês saíram da cidade grande pra colocar uma loja de roupa aqui?
- É verdade sim, como você sabe?
- Meu pai me contou.
- E seu pai, trabalha com o que?
- Meu pai é carpinteiro.
- Ah, entendi.

Nesse momento o professor chegou e tivemos a conversa interrompida. Ao longo da aula prestei atenção nela e vi que era muito inteligente. A aula terminou, o pai veio buscá-la. Na caminhada pra casa fui ansioso para contar aos meus pais que tinha feito uma nova amizade e que era a nossa vizinha.

MARTA

Ao receber a notícia que iríamos nos mudar para outra cidade, fiquei muito triste, e ao mesmo tempo assustada, chegaria em uma cidade nova que não conhecia absolutamente nada, com pessoas novas. Não fazia ideia de para onde iríamos. Logo, meus pais me contaram que iríamos para Monte Santo, uma cidade no interior. Aquilo me desanimou mais ainda, sempre morei em cidade grande, tinha meus amigos, meus lugares favoritos, e mudar de cidade não estava nos meus planos.

Ao chegar há pequena cidade me deparo com uma rua tranquila com casas simples, tudo aquilo era muito diferente da minha realidade. Paramos em frente a um sobrado com azulejo branco, portões de ferro marrom e janelas com grades. Avistei ao lado uma casa humilde, volto a pensar que aquilo era muito diferente do que estava acostumada, havia um garoto nos observando, ele era magro, pele escura, estava sem camisa e com um boné meio desgastado. Não tivemos oportunidade de conversar, adoraria fazer um novo amigo, mas, ele voltou pra dentro de sua casa e fui ajudar meus pais na mudança. Acordei animada e com medo, era meu primeiro dia de aula na escola Nossa Senhora Aparecida. Entrei, não conhecia ninguém, mas, logo avistei um rosto conhecido, era ele, aquele mesmo menino que estava a nos observar no dia anterior. Antes da aula começar, ele se aproximou e me fez várias perguntas, achei aquilo divertido, ele era curioso, mas, gente boa. Acho que já tenho um novo amigo.

ANOS DEPOIS

Estávamos esperando meu pai sair da carpintaria e chegar em casa para contarmos a novidade: eu e Marta iríamos noivar! Era uma decisão complicada de anunciar, tivemos um relacionamento lindo, mas, conturbado por conta da minha classe social, os pais dela não queriam alguém como eu para o futuro da sua filha. Os pais de Marta já estavam agoniados com a situação, eles já imaginavam o que iríamos anunciar, a demora da chegada do meu pai era motivo para os pais dela quererem ir embora. Resolvi ir buscar meu pai na carpintaria. Ao chegar lá tive uma surpresa, e não foi agradável, meu pai estava caído no chão ao lado de equipamentos, pálido. Travei, em segundos passou um filme na minha cabeça, meu pai sempre foi a pessoa mais importante da minha vida, era minha maior fonte de inspiração, ele trabalhou tanto para ter tudo o que tem hoje, e lutou tanto para dar uma vida o melhor possível para mim e minha mãe. Ele sempre foi muito forte e vê-lo ali tão frágil, me fez perceber o medo que tenho de perdê-lo. Isso tudo passou pela minha cabeça em questão de segundos. E imediatamente voltei a realidade, liguei para a ambulância e expliquei mais ou menos o que tinha visto quando cheguei lá - estava nervoso -, pediram para deixá-lo do mesmo jeito que estava, pois, não sabíamos a gravidade e poderia ter quebrado algum osso ou afins. Liguei para Marta contar a todos que estavam lá o que tinha acontecido e acalmar minha mãe, eu tinha fé que tudo ia ficar bem. Eram exatas 12:45 quando encontrei meu pai , a ambulância levou 45 minutos para chegar até a carpintaria. Aquela demora me matava por dentro, minha vontade era levá-lo até o hospital nos meus braços, mas, as informações que me deram na ligação para o hospital foi que tinha que deixá-lo imóvel, pois, poderia haver alguma hemorragia interna.

A ambulância chegou, colocaram meu pai na maca e fomos para o hospital. Chegando lá, aviso a Marta que meu pai já estava sendo atendido. Minha mãe chegou muito nervosa junto com Marta.

- Fernando, o que aconteceu? – disse Marta aflita.

- Meu filho, o que houve? – disse minha mãe choramingando.

- Mãe, tudo o que eu sei, a senhora já sabe. Agora é aguardar para ver o que o médico nos dirá.

Foram quase 3 horas agonizantes de espera para o médico nos falar que suspeitava que meu pai foi vítima de Derrame do Pericárdio. Mas, que deveríamos aguardar para a realização de mais exames e termos o diagnóstico completo.

Aguardamos sentados na recepção, era perceptível uma movimentação estranha e olhares inquietos de alguns profissionais para nós, morávamos naquela cidade pequena desde sempre, e todos nos conheciam.

O tempo passou, já fazia mais de 5 horas desde o momento que o médico havia nos falo que realizaria mais exames. Minha mãe não para quieta, e nem eu. Fui até a enfermeira que estava passando pela recepção e pedi desesperadamente informações acerca da situação do meu pai. A enfermeira olhava pra mim e pra minha mãe com um olhar que me assustou e ela só pedia para termos calma.

A única coisa que ela dizia era: vocês precisam ter calma e ser forte nesse momento. Voltei e me sentei onde estava Marta e minha mãe, não saía da minha cabeça a frase que a enfermeira havia dito. Naquele momento algo me dizia que as coisas não estavam tão bem. Pouco mais de 30 minutos, Dr. Isaac, médico responsável por meu pai, chegou até onde estávamos e disse:

- O diagnóstico saiu. Estávamos certos do que suspeitávamos. Seu José foi vítima de Lúpus Eritematoso Sistêmico, é uma doença inflamatória crônica multissistêmica, recidivante e geralmente febril do tecido conjuntivo, de causa desconhecida e de natureza autoimune. A LES pode afetar qualquer parte do corpo. O sistema imune ataca as próprias células e tecidos do corpo, resultando em inflamação e dano tecidual. Atinge mais frequentemente a pele, mas pode chegar a afetar o coração, articulações, pulmões, vasos sanguíneos, fígado, rins e sistema nervoso. A evolução dessa doença é imprevisível. Estima-se que entre 30% e 50% dos pacientes lúpicos desenvolvem doenças cardíacas, especialmente Derrame do Pericárdio, como foi o caso de seu José. O Derrame do Pericárdio é o acúmulo anormal de fluido do pericárdio, membrana que envolve e confere estabilidade ao coração e às raízes dos grandes vasos sanguíneos. O excesso de líquido nesse local comprime o coração e compromete todo o sistema. Seu José foi vítima do Tamponamento Cardíaco, uma das principais consequências do Derrame Pericárdico. Infelizmente o Tamponamento Cardíaco é uma emergência médica, que pode levar à morte rapidamente. E, com muita tristeza, informo que toda a nossa equipe fez o que podia, mas seu José não resistiu...

Nesse momento, busquei o chão e não encontrei. Olhava para minha mãe e não sabia o que fazer. Era nítido o desespero dela. Marta tentava nos consolar. Mas, aquele momento era inconsolável.

E, de um dia feliz, que tínhamos planos de anunciar o nosso noivado, terminou como o pior dia da minha vida, meu pai se foi.

A DESPEDIDA

Meu pai sempre foi um homem de garra. Me ensinou desde sempre que a minha classe social e a minha cor de pele não definem quem eu sou e não podem me limitar a nada. Jamais esquecerei de quando conheci meus sogros para pedir a mão de Marta em namoro. Não aceitaram. Não disseram o porque, mas, eu já sabia o motivo. Não esperaram nem eu chegar em casa. Ao chegar na porta, ouvi:

- Minha filha, eu não sei o que está acontecendo com você. Qual o futuro que você acha que esse moleque vai te dar? Olhe pra ele, olhe a casa que ele mora. Não foi pra isso que eu e sua mãe te criamos tão bem. Não queremos e não aceitamos que você, cheia de oportunidades, tenha algo sério com alguém como ele. – disseram os pais dela.

- Vocês precisam entender que eu não quero alguém pra me bancar. Eu quero alguém para somar, que esteja ali ao meu lado para o que der e vier. E eu sei que Fernando fará por mim tudo isso. Nós cresceremos juntos e provaremos que vocês estavam errados.

Ouvi o suficiente. Morávamos ao lado, meu pai estava sentado na porta de casa, lembro que ele me acompanhou com os olhos até estarmos perto o suficiente para perguntar:

- Filho, o que aconteceu?

Expliquei tudo o que aconteceu e o que ouvi. E meu pai usou das palavras para me abraçar, confortar e me fazer perceber que aquilo não deveria me deixar pra baixo e sim servir de impulso para eu querer mais, fazer mais e ir adiante com o nosso relacionamento.

Enfim, foram tantas situações que eu poderia passar anos falando. E que hoje passam a ser apenas lembranças e aprendizados daquele que foi tão importante para mim.

Só agora a ficha começa a cair, só agora percebo tudo o que realmente está acontecendo. Durante todo o velório estive com minha mãe. Ela está sem chão. Tento ser o mais forte possível para passar essa imagem para minha mãe e de alguma forma dar forças a ela. Após enterrarmos meu pai, me afastei um pouco da minha mãe e preferir ficar sozinho. Já não aguentava mais aquelas pessoas dizendo a todo momento: ele era um homem bom. Eu já sabia disso, não precisava que ficassem me lembrando a cada segundo.

Marta se aproximou de mim e começamos a conversar. Ali, lembrei de coisas que o médico havia nos falo, mas que na hora estava tão nervoso que nem levei em consideração.

Meu pai tinha febre, dor nas articulações, fadiga, rigidez muscular e inchaço, dor de cabeça, queda de cabelo, mal-estar, entre outros. Esses eram sintomas de Lupus, que nós não percebemos, sempre dizíamos: é o seu corpo pedindo arrego, o senhor trabalha demais. E nunca fomos ao médico para analisar esses sintomas. Além disso, nesses últimos dias estava com dificuldade para respirar, piorou do cansaço, teve tosse e lembro que um dia o vi sozinho se queixando de uma dor no peito, esses eram sinais do Derrame do Pericárdio. O médico nos disse que acredita que sobre o tamponamento cardíaco, meu pai teve a sensação de desmaio iminente ou falta de ar, acabou desmaiando. Além da arritmia, que é sintoma dos três problemas citados.

A única coisa que eu me perguntava era: como eu não percebi todos aqueles sinais? Porque eu não insistir para que meu pai fosse a um médico conferir se estava tudo bem? Isso não saía da minha cabeça.

Caí no choro e Marta me envolveu em seus braços. Ali eu me senti confortável para desabar, para chorar tudo que eu estava segurando para tentar dar forças a minha mãe. E,ao mesmo tempo que eu pensava em todos os sintomas e todos os sinais que o corpo do meu pai tinha nos dado enquanto vivo, eu lembrava que agora já não tinha mais o que fazer. Pois, meu pai estava morto. E a última vez que o vi, tinha terra sendo arremessada em cima dele. Agora meu pai era só mais um naquele cemitério. Eu estava destruído.

CAPÍTULO IV

CASAMENTO

Após tudo que aconteceu acabei ficando distante de Marta, passaram-se dois meses, e eu não percebi que os preparativos do nosso noivado haviam ficado de lado, eu não tinha cabeça para pensar nisso por agora. Marta como sempre me dando força e me apoiando no meu luto, só que eu ao menos percebi, que devido tudo que aconteceu, eu acabei deixando ela de lado. Marta era uma mulher forte, a companheira que eu pedi a Deus, e não era justo o que eu estava fazendo com ela, acabei me culpando por tudo que aconteceu, acabei me afastando da minha mãe, a pessoas que mais precisava de mim nesse momento.

Ir todos os dias a carpintaria e ver todas as coisas do meu pai ali era algo muito difícil, os dias passavam, mas a dor permanecia, eu precisava fazer algo, então decidi que o melhor seria estudar. Separei um tempinho todos os dias para focar nos meus estudos, medicina era algo muito distante para minha condição financeira, eu precisava estudar muito para conseguir uma vaga em uma faculdade federal.

Marta já estava ficando irritada com tudo que vinha acontecendo, eu não a via há dias, meu tempo de sobra era só para os estudos. Era por volta das 20:00 quando Marta chegou a minha casa, falou que precisávamos conversar, pela cara dela eu sabia que não seria uma conversa nada boa.

- Fernando acho que já passou da hora de marcarmos esse casamento, não tem mais clima para noivado, passaram-se meses, é melhor marcarmos logo o casamento. - disse Marta irritada.

- Não estou entendendo o motivo dessa pressa toda, aconteceu algo?

- Eu acho que estou grávida.

Foi um misto de sensações, eu não sabia o que fazer naquele momento, a minha única reação foi lhe dar um abraço. Eu sabia que não seria nada fácil, uma criança nesse momento não era algo que eu planejava. Mas, não podia pensar assim, essa criança era um fruto do nosso amor.

Decidimos marcar a data do casamento, seria um casamento simples, eu não teria condições para algo tão grande, mas, os pais dela queriam arcar com as despesas. No entanto, preferimos continuar com a ideia de algo simples, afinal, já iriamos gastar muito com o enxoval da criança. Marcamos o casamento para o final de agosto, teríamos dois meses para preparar tudo.

Passaram-se dois meses, mais rápido do que esperávamos, era o dia que oficializaríamos a nossa união. Minha mãe estava linda, apesar de tudo o que estava enfrentando após a morte do meu pai, era nítido a felicidade dela ao me ver ali no altar.

Os pais de Marta também estavam elegantes, como sempre, mas, continuávamos não tendo a melhor relação de genro e sogros.

A marcha nupcial inicia, estou nervoso, as portas da igreja abrem, Marta entra. Ela está extasiada, cabelo solto, véu longo sendo arrastado por todo o corredor central da igreja. A decoração de velas com flores vermelhas realçava a beleza do vestido que Marta usava. A cada passo que ela dava e chegava mais próximo a mim, meu coração acelerava. Seu Alberto, pai de Marta, se despediu dela com um beijo na testa e entregou a mão dela a mim. Com um beijo na testa a recebi e levei-a ao altar. Agora estávamos próximos o suficiente para que eu observasse a pequena foto que ela carregava do meu pai, não me contive e desabei em lágrimas. Foi uma surpresa vê-la com a foto do meu pai no buquê. Ela era sim, a mulher da minha vida.

A cerimônia ocorreu. Ao terminar, nos dirigimos para a casa de Marta, realizamos um jantar. Optamos pelo jantar, pois gastaríamos menos e seria algo apenas para os mais próximos.

Tudo ocorreu bem. Chegou a hora do momento que mais esperávamos: iríamos anunciar a gravidez de Marta. Tínhamos acabado de comer a sobremesa, pedimos um instante de silêncio e atenção. Marta começou:

- Todos vocês que estão aqui, sintam-se importantes para mim e para Nando. Primeiro, porque todos vocês sabem que estávamos passando por um momento difícil depois da morte do meu sogro, e realizar essa cerimônia foi desafiadora, e ao mesmo tempo gratificante. E todos vocês que estão aqui é porque foram essenciais na nossa história. Segundamente, temos uma notícia para dar. Algo que nos pegou de surpresa e que hoje sabemos que é a melhor coisa das nossas vidas.

- Conta logo, estou ficando nervosa. – disse dona Vera, mãe de Marta.

- ESTAMOS GRÁVIDOS! – dissemos.

Por um instante, todos travaram, um silêncio. Mas, logo a alegria tomou conta de todos que estavam naquele ambiente. Aplausos, abraços, vários parabéns e uma felicidade que não víamos a meses. E pela primeira vez senti um abraço sincero vindo dos meus sogros.

Minha vida mudaria para sempre.

CAPÍTULO V

NEM TUDO É O QUE PARECE

Os primeiros meses de casados foram complexos. O casamento, a gravidez e os estudos estavam me sugando. Eu estava dando o meu máximo e tentando ser o melhor para os três pilares, mas, confesso que estava difícil. Eu e Marta discutíamos bastante, pois para ela nada estava bom o suficiente. No entanto, eu tentava relevar a maioria das nossas discussões pela gravidez.

Os estudos precisavam de grande parte do meu tempo. E Marta não entendia que eu passava o dia trabalhando, quando chegava em casa o tempo que tinha usava para estudar. Eu entendo que ela queria que eu fosse mais presente, mas, eu estudava tanto para termos um futuro melhor e uma vida mais confortável.

Era em torno de 7:00 de uma sexta quando Marta começou a discutir comigo.

- Quais os seus planos para hoje, Fernando?

- Os mesmos de sempre, vou pra carpintaria e quando voltar vou estudar.

- Fernando, hoje é sexta-feira, a gente não tem um momento nosso a dias. Vamos comer fora mais tarde.

- Marta, você sabe que não posso. Você sabe que para conquistar algo preciso abdicar de outras coisas. Logo isso vai passar e nós teremos bons momentos juntos.

- Ok, faça como preferir. – disse Marta zangada.

Fui trabalhar. Por volta das 10 horas, meu telefone toca:

- Fernando, venha ao hospital por favor. – disse dona Vera.

- O que houve? - perguntei apreensivo.

- Marta não está bem.

Ao ouvir aquilo veio um misto de sensações, lembrei da morte do meu pai, corri ao hospital. No caminho ficava lembrando da nossa discussão mais cedo pela manhã.

Ao chegar no hospital queria saber o que tinha acontecido. Dona Vera e seu Alberto estavam lá, mas, ainda não sabiam o que houve ao certo. Aguardávamos as informações do médico. Toda essa situação era semelhante a do meu pai, toda essa demora, tensão, estava com tanto medo que acontecesse algo parecido com Marta e meu filho.

Dr. Vinícius se apresenta como médico responsável por Marta, ele era ginecologista obstetra, pergunta se já tínhamos notado algum comportamento diferente de Marta em relação a sentir algum incômodo, dor e afins. Dona Vera e minha mãe começam a conversar com ele sobre. E eu, estou ali, mas, a minha mente está a mil. Eu não sei responder a pergunta dele, porque eu não dei a atenção que deveria ter dado a Marta. Eu estava distante. Minha mãe percebeu que eu estava perdido em meus pensamentos e não prestei atenção em nada que o médico estava dizendo, então ela cutucou forte no meu braço e eu voltei a prestar atenção no doutor.

- Marta me constatou que teve durante esse período da gravidez, apesar de estar no início, um pouco de cólica e dor, mas achou que era normal. Além disso, disse desde quando descobriu que estava grávida teve náuseas, vômitos, mas, que de uns 15 dias para cá parou de sentir esses sintomas. O motivo da vinda de Marta ao hospital foi um sangramento. O mundo da embriologia é complexo e pode nos surpreender. Porém, pelo que Marta foi me dizendo suspeitei de uma coisa, fizemos uma ultrassonografia e tiramos a conclusão que Marta sofreu um aborto espontâneo. O aborto espontâneo é a interrupção involuntária de uma gestação. A gravidez de Marta era saudável, ela vinha fazendo o acompanhamento necessário e estava indo tudo bem. Mas, como eu disse, o desenvolvimento embrionário pode nos surpreender e esses casos de aborto espontâneo são comuns de acontecer assim no início. – explicou Dr. Vinícius.

Minha mãe, dona Vera e seu Alberto ficaram arrasados, todos eles queriam muito um neto. Eu também, mas, depois que meu pai se foi passei a acreditar muito que na vida tudo tem um propósito. Eu sabia que aquela criança que Marta estava carregando ia ser muito amada, mas, sabia também que aquele não era o melhor momento para termos um filho. Eu estava triste, mas, passei a acreditar que tudo na vida tem o momento certo para acontecer, e eu sabia que aquele não era o momento certo. Deixei todos os meus pensamentos, achismos e todas as minhas responsabilidades do dia de lado. Marta precisava de mim, pra ela aquilo ia ser muito mais difícil do que pra mim.

Não fui o mais presente durante esses primeiros meses da gestação. Mas, agora não deixaria ela passar por isso se sentindo sozinha. Estarei lá com ela.

Passamos o resto do dia juntos. Fomos comer fora. Saímos um pouco da rotina para Marta poder se distrair. Ao chegar em casa, fomos tomar um banho para dormir. Apesar dos pesares, nosso dia tinha feito com que nos aproximássemos. E já fazia um tempo que não tínhamos momentos como esses. Antes de dormirmos, não conseguir hesitar em perguntar:

- Marta, porque não me contou sobre os incômodos e as dores que teve?

- Eu não achei que era algo relevante, por isso não te falei nada. Além disso, não queria te preocupar, você já estava sobrecarregado com o trabalho, os estudos, essas coisas.

- Tá bem. Vamos deixar isso pra lá. Mas, por favor, a partir de hoje independente da minha situação você precisa me contar o que acontece.

Marta concordou e virou para o lado para dormir. Ouvir seu choro, não quis dizer nada, apenas abracei-a.

CAPÍTULO VI

UMA APROVAÇÃO, VÁRIAS MUDANÇAS

Depois de tanto tempo estudando, com tantas abdicações, chegou o dia do vestibular. Era uma manhã de domingo, acordei nervoso, meio apreensivo. Tive logo uma surpresa, Marta e minha mãe haviam feito um café da manhã para mim. Era simples, pois era o que cabia no nosso bolso, não estávamos passando por um momento tão bom financeiramente, mas, eu sabia que era de coração e com muito amor. Comemos, conversamos sobre a vida, demos risadas e assim a minha manhã se passou com leveza.

Estava se aproximando das 13 horas, era a hora de início da prova. Marta e minha mãe foram comigo até a porta do local da prova, se despediram de mim com um abraço apertado, um beijo e um: boa sorte, nós acreditamos em você!

Entrei na sala, aguardei a entrega das provas. Estava nervoso, ali escrito naquele papel estava o meu futuro, não só o meu, mas, o de todos que eu amava. Respirei fundo, me acalmei e dei início à prova. Respondi a prova com a maior calma que consegui. Fui o último a sair da sala. Saí com a sensação de dever cumprido, dei o meu melhor naquela prova. As duas mulheres da minha vida, Marta e minha mãe, estavam me aguardando na porta. As encontrei, nos abraçamos e mais uma vez elas me disseram: já deu tudo certo, tenha fé! Agora é esperar o resultado e ver no que vai dar.

Passaram-se alguns dias e chegou o tão esperado resultado do vestibular. Pedi a Marta para abrir o site, estava tão nervoso que nem conseguia. Ela abriu, e vi seus olhos arregalados. Fiquei na dúvida se que aquele olhar era bom ou ruim.

E AÍ? – gritou minha mãe.

Marta travou. Fui até a tela do notebook e estava lá: APROVADO!

Marta, eu e minha mãe caímos no choro. Nos abraçamos e vibramos. Fazia tempo que a gente chorou de felicidade. Aquele era um grito que estava engasgado faz tempo, por isso, não hesitamos e comemoramos da forma mais barulhenta possível.

Nossas vidas estavam prestes a mudar.

Era em torno de 9 horas quando recebi um e-mail da universidade confirmando a data de início das aulas. Eu tinha menos de um mês para me organizar, precisava ver onde eu ia ficar, como eu ia pra lá, o que precisaria nas aulas e afins. Em meio a tantos pensamentos, lembro que preciso conversar com Marta sobre as mudanças, não sabia como ia ficar nossa situação.

Fui para a carpintaria trabalhar. Ao longo do dia estava pensativo, pois era uma situação delicada ir embora. A noite, ao chegar em casa, depois do jantar, aproveitamos que já estávamos sentados juntos e começamos a conversar.

- Nós precisamos conversar em relação à faculdade, as aulas vão começar e precisamos nos programar de como ficaremos. – eu disse.

- Sim, é um lugar totalmente novo, pessoas novas. Você acha que eu devo ir com você? – perguntou Marta.

- Eu acho que seria mais interessante que eu fosse, me estabelecesse lá e depois você ia. Não acha que assim é melhor?

- Sim, com certeza.

- E o nosso relacionamento, como vai ficar?

- Do mesmo jeito Nando. Nada vai mudar. É o seu sonho e eu vou continuar te apoiando. Ficarei aqui com sua mãe, estaremos juntas vibrando por cada conquista sua. – disse Marta com a mão em cima da minha.

Fui dormir tranquilo, Marta era a pessoa mais compreensiva que eu conheci em toda a minha vida. Nós ficaríamos bem, apesar da distância nesse começo. Minha mãe estava ciente também de tudo que ia acontecer e fez o mesmo que Marta, me apoiou, além de me encorajar.

Durante esses dias fui em busca de alguém que assim como eu morava longe e foi aprovado na mesma universidade que eu. Conheci Carlos através de uma foto publicada em sua rede social, a qual ele estava comemorando a aprovação e mencionava a faculdade que iria estudar, era a mesma que eu. Nos aproximamos via internet, Carlos já tinha uma república próxima a faculdade para ficar, e um lugar para trabalhar á noite, já que nossas aulas eram durante o período matutino e vespertino. Por saber que eu estava em situação como ele, foi logo me encaixando na mesma república e conversando com a dona do restaurante que ele trabalhava sobre mim. Alguns dias depois: surpresa! Eu também já tinha a república para ficar e o emprego. Eu e Carlos teríamos a mesma rotina. Isso me dizia que seríamos muito amigos.

Minha mãe e Marta pulavam de felicidade a cada notícia boa. Estavam menos preocupadas agora que eu tinha onde ficar e onde trabalhar.

Os dias passaram rápido. Chegou o dia da mudança. Marta e minha mãe foram me levar até o ponto de ônibus, abracei-as com força. E ambas me falaram: nós amamos você e estaremos aqui te esperando. Me despedi de Marta com um beijo na testa e pedi a benção a minha mãe. Entrei no ônibus rumo a SP. A viagem era longa. Estava com medo, sabia que não ia ser fácil, que seria cansativo. Mas, tinha a sensação que tudo valeria a pena.

CAPÍTULO VII

A CHEGADA E OS PRIMEIROS DIAS EM SÃO PAULO

A viagem foi cansativa, veio logo o cobrador avisar que estávamos próximo ao destino, me despertei de imediato, olhei para o relógio marcava 11h00min. Observava pelas janelas do ônibus e percebi o quão grande era São Paulo. A cidade era bem movimentada, muitos carros, ónibus, pessoas, tudo isso era novo pra mim, Monte Santo era uma cidade mais tranquila. Em poucos minutos o veículo para, os passageiros vão se deslocando dos seus assentos e descendo do ônibus. Logo, ao observar a movimentação, faço o mesmo e os acompanho. Descemos em uma rodoviária, era a rodoviária que eu e Carlos marcamos de nos encontrar. Encostei em um canto e a minha primeira ação foi ligar para minha mãe pra informa-la que havia chegado bem, ela me avisou que estava ao lado de Marta, e que tinha repassado a informação, já com muita saudade me disperso delas desligando o telefone.

Havia combinado com Carlos que iríamos nos encontrar na rodoviária. Sentei em um banco próximo a passarela dos táxis a fim de encontrar com ele.

Um rapaz moreno, alto, de cabelo ondulado aproximou-se e:

- Opa, seria o mais novo calouro de med? – disse dando risada.

A reação que tive foi levantar e abraçá-lo. Carlos desde o começo me ajudou muito, portanto, aquele abraço era de gratidão. Sei que se não fosse Carlos, eu estaria perdido aqui nessa cidade.

Conversamos um pouco e seguimos para um restaurante. Carlos me levou para o restaurante da dona Cris, uma de suas tias. A comida estava deliciosa e a conversa com Carlos havia fluído. Estava achando tudo muito bom.

Eu estava animado, era o primeiro dia de aula e de trabalho. Meu dia começou cedo. Saí da república com Carlos e fomos para a faculdade, nosso coração estava a mil: dois calouros de medicina. Chegamos na universidade e nos deparamos com o enorme tamanha dela. Olhamos um para o outro e entramos com o pé direito, tudo daria certo!

Chegamos na sala de aula. Tivemos quatro aulas pela manhã, todas muito boas. Mas, uma chamou mais a minha atenção do que as outras, foi a aula sobre células-tronco.

O professor nos disse que as células-tronco surgem na fase embrionária; são responsáveis pela renovação constante de um órgão, e alguns órgãos mantém dentro de si uma pequena porção dessas células após o nascimento; tem também a capacidade de dar origem a células especializadas; além da capacidade de renovar a si mesma.

O assunto me interessou bastante, fiquei encantado com a quantidade de funções dessas células. No entanto, o professor nos disse que ainda estavam em andamento muitas pesquisas sobre. Isso aguçou a minha curiosidade, porque uma célula tão pequenininha tinha tanto poder. De relance olhei para Carlos e vi que ele estava tão fascinado com aquilo tudo quanto eu.

As aulas continuaram durante todo o dia. Saímos da faculdade e chegamos na república em torno das 18h30 . Me arrumei rapidamente e seguir com Carlos para o primeiro dia no meu emprego na cidade nova, ia trabalhar no restaurante da tia de Carlos, que agora eu também já chamava de tia Cris.

O dia foi puxado, mas, tudo ocorreu bem. Cheguei tarde na república para dormir, mas antes conversei um pouco com Marta sobre o meu dia, estava morrendo de saudades dela

CAPÍTULO VIII

CARLOS

Já havia passado algum tempo desde o início das aulas. Meu dia e o dia de Carlos era corrido. Apesar de estudarmos juntos, morarmos juntos e afins, tínhamos afazeres diferentes ao longo do dia.

Carlos sempre foi um amigo e tanto pra mim. Mas, era um cara mais fechado quando o quesito era falar sobre si. Confiávamos um no outro, só que por causa da agenda cheia falávamos pouco sobre nossas vidas pessoais. A maioria das nossas conversas eram voltadas aos assuntos acadêmicos ou do trabalho.

Um dia de folga do trabalho, em um domingo, resolvemos ir dar um passeio no parque Ibirapuera. Carlos já conhecia e foi me apresentar aquele lugar. Próximo às 19:00, ambos com fome, decidimos comer em uma pizzaria próxima. Lá, sentados esperando a pizza, começamos a conversar e resolvi fazer uma pergunta a Carlos. Tive receio de ser invasivo, mas, minha personalidade nordestina é mais forte e não contive a curiosidade.

- Carlos, tia Cris sempre morou aqui? – perguntei-lhe.

- Sim, sim. Ela se mudou pra cá era bem novinha quando casou com o marido. – respondeu-me.

- E quando você veio pra cá, não pensou em morar com eles?

- No início surgiu a ideia, mas, logo descartei. Tia já tem problema demais. Renato, marido dela, tem problema renal.

- Poxa, e qual o problema dele exatamente, eu conhecia uma senhora lá de Monte Santo que também tinha.

- Nando, o que eu sei é que os dois rins dele não conseguem filtrar as impurezas existentes no sangue e eliminar substâncias. E aí por isso ele precisa fazer três sessões semanais de hemodiálise. Minha tia precisa leva-lo todos esses dias até a clínica para realização do procedimento. Fora os cuidados em casa com ele. Portanto, achei que ela já era muito sobrecarregada e que eu ir morar lá seria mais trabalho pra ela. Preferi ficar na república e ajuda-la no restaurante.

- Ah sim, entendi. É verdade, você tem razão, ela já tem muita responsabilidade. E, apesar de você já ser maior de idade, sabemos que ela ia se sentir responsável por você.

A pizza chegou, comemos e voltamos para casa – sim, já chamamos nossa república de casa -, precisávamos dormir, pois amanhã é segunda e o nosso dia começa bem cedo.

CAPÍTULO IX

DE VOLTA A REALIDADE

Como disse antes, já fazia um tempo que as aulas haviam começado e que eu tinha dado início ao meu emprego, e apesar de corrido, tudo estava indo muito bem. A faculdade superava minhas expectativas, a cada dia que passava eu tinha mais certeza que estava no caminho certo. O emprego? Ahhh, trabalhar pra tia Cris era um prazer, ela era um amor comigo, o ambiente era bom e as outras pessoas que trabalhavam lá eram ótimas. A república? Tinha seus altos e baixos, mas, tudo sob controle. A minha relação com Carlos? Nem preciso falar, era ótima, nos dávamos bem demais. Minha mãe? Estava bem, graças a Deus! Marta? É, parando pra pensar não tenho muito o que falar de Marta, ela está bem, eu acho.

Me peguei pensativo em relação a Marta. Passei a me perguntar: como Marta realmente está? Nos falávamos quase todos os dias, mas, agora percebi que eu falava e ela só me ouvia. Iniciávamos a ligação sempre falando sobre mim, sobre o meu dia, sobre como estava sendo a experiência, como estava sendo puxado e afins. E já no fim eu perguntava como ela tava e como andavam as coisas por lá, ela sempre dizia que estava bem. Sendo assim, eu me despedia e desligávamos. Não tinha observado que em todas as nossas ligações 95% do tempo era falando sobre mim. Enfim, me peguei com esses pensamentos no horário de almoço. Despertei ao alarme do celular tocar indicando que precisava ir para a sala de aula, pois minha aula começaria em 5 minutos. Mas, levantei daquela mesa com uma decisão: quando chegar em casa depois do trabalho, ligarei para Marta e conversaremos sobre ela. Ao menos hoje, o foco não serei eu.

Assim fiz. Já era tarde quando cheguei do trabalho, mas, liguei para Marta do mesmo jeito. Conversamos um pouco sobre a mesma coisa de sempre: minhas aulas, meu trabalho, meu dia, etc. Encerrei logo esse assunto e partir para saber mais sobre como estavam às coisas em relação a ela. Marta insistia em dizer que estava tudo bem, até disse:

- Nando, você nunca insistiu tanto em falar sobre mim, porque isso agora? Sua mãe já te falou né?

Nesse momento descobri que minha intuição estava certa, tinha algo acontecendo. Respondi que minha mãe não havia falo nada, foi apenas curiosidade, mas, que agora já sabia que tinha acontecido algo e que era melhor que me contasse logo. Assim Marta fez:

- Nando, o sistema nervoso do meu pai está comprometido. Ele foi diagnosticado com Alzheimer.

- Me fale mais sobre o que o médico falou.
- É uma doença progressiva que destrói a memória e outras funções mentais importantes. Não é isso? – perguntou-me.
- Sim, amor. Está certo. As conexões das células cerebrais e as próprias células se degeneram e morrem.
- Isso, o médico explicou desse jeito também. E eu te falei ali o que era Alzheimer, como se você já não soubesse, meu futuro médico. – disse Marta dando uma risadinha forçada para quebrar o clima.
- E em relação a isso tudo, como você tá?
- Ah Nando, eu sinceramente não sei. Fácil não tá sendo, mas, sei que poderia tá sendo pior.

Eu e Marta conversamos mais um pouco sobre. Dei o meu máximo para confortá-la, apesar de ela tentar o tempo todo passar uma imagem de que estava segurando toda a barra. Mas, conhecendo Marta como eu, sabia que estava sendo tudo muito difícil pra ela.

Agora, depois de saber de tudo isso, ia me redobrar para dar mais atenção ainda a situação de Marta e do meu sogro.

CAPÍTULO X

FIM DE SEMESTRE

Eram exatas 5h15m quando o despertador do celular toca. Levanto rapidamente, estava animado, era a minha última aula desse período. Hoje, deixava para trás o primeiro período e daqui a um mês iniciava o segundo. Além da felicidade por saber que teria tempo para descansar, eu também iria ver Marta e minha mãe. Conversávamos diariamente sobre a minha volta para Monte Santo, e estávamos todos ansiosos demais.

Enfim, eu e Carlos partimos para a faculdade. A manhã passou rápido e estava torcendo para a tarde ser do mesmo jeito. Confesso que minha atenção nas aulas não estava das melhores hoje. No entanto, uma aula me chamou atenção.

- O sistema endócrino é o conjunto de glândulas responsáveis pela produção dos hormônios que são lançados no sangue e percorrem no corpo até chegar os órgãos alvos sob os quais atuam. Junto com o sistema nervoso, o sistema endócrino coordenam todas as funções do nosso corpo. O hipotálamo, um grupo de células nervosas localizadas na base do encéfalo, faz a integração entre esses dois sistemas. As glândulas endócrinas estão localizadas em diferentes partes do corpo: hipófise, tireoide, paratireoide, timo, suprarrenais, pâncreas e as glândulas sexuais. – começou a explicar o professor.

Essa aula prendeu minha atenção. O professor aprofundou mais no assunto e a cada palavra que ele falava sobre, eu ficava mais fascinado. Eu me identificava mais com a medicina a cada dia que passava.

Já eram 18:00 quando minhas aulas terminaram, ou melhor, quando meu primeiro período encerrou. Havia conversado com tia Cris e ela me deu 1 mês de folga do emprego. Portanto, aquele era o último dia lá em São Paulo antes de voltar para Monte Santo.

Dei o meu máximo naquela noite. Por fim, me despedi de tia Cris e fui junto com Carlos de volta para a república. Me disperso de Carlos na porta do quarto:

- Nos veremos em um mês, não precisava sentir minha falta. – falei dando risada.

Ele me respondeu com um tapinha nas costas e saiu dando risada.

Passei uma parte da madrugada arrumando as minhas coisas. O ônibus saía logo cedo. Deitei para dormir um pouco e esperar a hora de ir para a rodoviária. Não via a hora de chegar em casa, na minha casa.

CAPÍTULO XI

VOLTANDO PARA MONTE SANTO

Mais uma vez: viagem longa. Confesso que não dormir nadinha a madrugada inteira. Portanto, dormi a viagem quase toda. Os poucos momentos que fiquei acordado, pensava o quanto minha vida havia mudado, o quanto pessoas saíram e entraram nela. Estava fazendo o curso dos meus sonhos, tinha um amigo e tanto, estava casado com o amor da minha vida. tinha minha mãe vibrando comigo por cada vitória minha. E sei que tinha meu pai me protegendo lá de cima. Ahhh, a vida era tão generosa comigo.

Cheguei em Monte Santo, que saudade eu estava daquela cidadezinha, avistei logo Marta e minha mãe na rodoviária aguardando minha chegada. Desço do ônibus e corro para o braço daquelas duas. Que sensação boa! Era o mesmo abraço que me deram quando fui pra São Paulo. Nunca achei que entrelaçado nos braços delas, teria a certeza que: esse é meu lar, ou melhor, elas são meu lar!

O dia já estava chegando ao fim. Passei o dia rodeado de pessoas que gosto. Fui na carpintaria matar a saudade daquele lugarzinho que meu “velho” tanto gostava. Fui ver o pai de Marta, demos até risadas, ele lembrou de mim, só não lembrou que eu era o rapaz que “ele não queria para o futuro da filha dele”. A mãe de Marta continuava sabendo quem eu era, mas, agora se dirigia a mim como: meu genro, futuro doutor. É, aquilo só me fazia perceber o quanto as pessoas mudam a forma de te tratar dependendo de “onde” você esteja.

Enfim, antes de vir para Monte Santo, programei uma noite diferente para mim e para Marta aqui quando eu chegasse. E assim foi feito. Fomos à um restaurante, o melhorzinho da nossa cidade, com direito a pizza e vinho. Depois, fomos para um hotel, o único que temos aqui na cidade. Não é luxuoso, mas é o que tínhamos. E tenho certeza que seria incrível do mesmo jeito. Deixamos todos os problemas de lado, aquela era a NOSSA noite, nada e nem ninguém quebraria o clima. Amanhã conversaremos sobre tudo. Mas, essa noite, mataríamos a saudade de seis meses longe.

Meus dias em Monte Santo estavam sendo ótimos. Já havia passado uma semana desde a minha chegada.

Me tornei aquele acadêmico em medicina que acha que todos devem ir frequentemente ao médico. Sim, depois de muita birra, consegui convencer minha mãe a ir ao médico. Expliquei sobre a importância de fazer exames de rotina e afins. Ela sempre dizia: só acha doença quem procura. Famoso comentário de idoso e de interior. Mas, penso diferente: é melhor prevenir do que remediar. E assim fizemos. Acompanhei-a no médico, foi solicitado exames, fizemos e estávamos aguardando os resultados.

Mais uma semana se passou e os resultados dos exames ficaram prontos. Minha mãe estava bem no geral, mas, foi diagnosticado um probleminha no sistema digestório dela. No retorno ao médico, com os exames em mãos, o médico me explicou tudinho. Mas, quando cheguei em casa ela pediu pra que eu repetisse exatamente tudo que o médico falou e do jeito que ele falou:

- O sistema digestório é responsável por obter dos alimentos ingeridos os nutrientes necessários às diferentes funções do organismo, como crescimento, energia para reprodução, locomoção, etc. É composto por um conjunto de órgãos que têm por função a realização da digestão. No seu caso, foi diagnosticado gastrite, que é uma condição na qual o revestimento do estômago está inflamado. – reproduzi tudo o que o médico disse, atendendo o pedido dela.

- Sim meu filho. Mas, eu não entendi o que faço agora. É grave?

- Não, mãe. A senhora está estável. Mas, é importante diminuir o consumo de alimentos que aumentam a acidez do estômago, como comidas picantes, refrigerantes, essas coisas. Ainda essa semana a gente vai naquela nutricionista que tinha falado a senhora e ela vai montar um cardápio certinho pra você.

- Tá bom então. Mas, vou ter que ficar sem minha pimentinha?

- Maaaaaeeee, por favor né! – falei rindo e puxando-a para um abraço.

O restante da semana passou. Já havíamos ido a nutricionista. Havia feito alguns programas de casais com Marta. Enfim, estava tudo ocorrendo bem e eu estava mais feliz que nunca.

Faltava pouco para o término das minhas férias. Sim, já estava sofrendo antecipadamente. Seria difícil deixá-las aqui mais uma vez

CAPÍTULO XII

ALMOÇO

Desde a noite que organizei para mim e Marta, não paro de imaginar o quanto foi incrível matar a saudade, aproveitamos bastante um ao outro. Só a gente sabia todo o sentimento que existia, afinal, não é fácil ficar meses longe. Cada dia que ia se passando eu admirava mais a família que tenho. Prometi que ia aproveitar cada segundo com a mesma, creio que estou cumprindo.

Chegando ao fim dos meus dias aqui na minha cidade natal, Marta decide realizar um almoço. A mesa estava cheia, sento chamando minha mãe para vim comer conosco, ela teimosa como sempre, repetia que já estava indo, mas, permanecia em cima de uma cadeira pegando algo no armário. Ofereci ajuda, mas, logo negou, mesmo assim, fui ajudá-la a descer. Antes que eu chegasse, ela já estava descendo, com o apoio do corpo todo em uma perna se desequilibrou e tendeu a cair com tudo no chão. Eu me impulsionei pra frente e consegui pegá-la a tempo.

- MÃE! Toma cuidado, você ta bem? – falei.

-Não, eu to bem meu filho, é só doença de velho mesmo. - falou rindo.

- Faz muito tempo que você sente essa fraqueza? – perguntei.

- Lá na loja, ela estava descendo as escadas e se desequilibrou. Só não caiu por que eu estava do lado. Você acha que é osteoporose? Nessa idade? – diz Marta.

- Na verdade, osteoporose é uma doença em que há uma diminuição da massa óssea, o fazendo ficar mais frágil. - falei colocando ela sentada novamente na cadeira.- Espera aqui rapidinho que eu vou te mostrar uma coisa.

-ok!

Fui ate minha mala a fim de encontrar um livro da faculdade para detalhar a minha explicação.

- Olhem aqui. É mais comum ela começar em mulheres acima de 45 anos. Sim, bem jovem. Isso acontece por que o nosso esqueleto vive em constante renovação, recebendo massa óssea até os 20 anos de idade, só que perdemos com mais velocidade quando chegamos aos 40.

- Existe tratamento? – perguntou Marta.

- Me deixa procurar, é provável que tenha, e é bem simples. Inclui medicamentos, exercícios e outros.

-Entendi perfeitamente, Dr. Fernando. E qual sua opinião sobre esse caso? - falou Marta com ironia.

- Que ela seja encaminhada para um profissional da área, afinal, eu ainda estou no primeiro período.- respondi rindo. – É isso, vamos comer que eu já estou ficando com saudades dessa comida einh.

Voltamos á atenção para o almoção

CAPÍTULO XIII

MAL ENTENDIDO

O almoço de ontem foi essencial para conversarmos. Estávamos planejando de Marta e minha mãe irem para São Paulo. Estávamos revendo a possibilidade de morarem lá na capital. Estava complicado organizar tudo.

Segunda-feira, eu gosto de segundas-feiras, tem um ar de novas chances, uma nova semana, um recomeço para tentar tudo de novo, mais uma semana à se cumprir...
E assim foi. Olhei para o relógio que marcava 5h15min, tempo o suficiente para realizar tudo o que havia planejado para aquele dia. Um deles era ir ajudar Marta na loja dela e dos pais.
Em poucos minutos de loja aberta, os clientes começaram a chegar, e por incrível que pareça, uma das médicas que estava presente no dia do falecimento do meu pai, fui cumprimentá-la:
-Olá, seja bem vinda! Tudo bem? Quanto tempo. – falei.
- Olá Fernando! Tudo bem sim e com você? Que prazer revê-lo. - falou me dando um aperto de mãos.
- Tudo ótimo também. – quando termino de falar, Marta aparece estendendo a mão para a doutora.
- Oi, seja bem vinda! Fique a vontade. - disse Marta com um sorriso no rosto e logo se despediu para ir atender outros clientes.
- Certo, obrigada! Mas, e você Fernando? Soube que está morando em São Paulo.
- Sim, estou fazendo faculdade de medicina. Dei inicio a esse curso, a partir do ocorrido do meu pai – antes de terminar a conversa entra uma mulher na loja com uma criança no colo, sem camisa e cheias de manchas no corpo. Ela estava gritando muito, chamou atenção de todos que estavam na loja. De imediato fui ao encontro dela saber o que estava acontecendo.
-Calma senhora! O que houve? – perguntei-lhe.
- Não é com você que eu quero falar, sai da frente!- disse passando do meu lado e indo em direção a Marta.
- Acalme-se, você quer conversar? - tomando a frente da moça, a doutora tenta convencê-la a acalmar-se.
- O que tá acontecendo? – perguntou Marta nervosa. - Olha, aconteceu isso aqui. - falou a moça mostrando a pele da criança em seu colo. A pele estava irritada, com círculos vermelhos, parecia alergia.- Isso aconteceu depois que eu comprei uma roupa aqui nessa loja para o meu filho!

- Não, olha só, acalme-se. Essas manchas não foram causadas por alergia das roupas. – falou a médica.

- Como assim? Isso só apareceu depois que eu vesti a roupa nele.

- Mesmo que fosse alergia ao tecido, você não poderia entrar dessa forma, pois seria situação genética, ele já teria nascido com isso. Porém, como não é, eu vou te explicar o que houve. – continuava a médica.

Nesse momento, toda clientela já havia desaparecido, Marta estava sem saber o que fazer, e eu menos ainda.

-Essas manchas avermelhadas com pequenas bolhas de água, é uma doença do tecido conjuntivo, cuja causa é desconhecida. Ela se chama Dermatite Atópica, se desenvolve geralmente em crianças.

- Você é medica para estar falando isso? - perguntou a moça.

- Sim, sou médica.

- E existe tratamento para isso? – indagou a moça com um semblante mais calmo.

- Existe sim um tratamento a base de remédios ou quimioterapia, depende da gravidade do caso, eu recomendo que você procure um especialista.

Depois de todo o transtorno, a mulher foi embora, se desculpou, e tudo voltou ao normal, agradecemos a doutora pela ajuda. Ela continuou a fazer suas compras e logo foi embora

CAPÍTULO XIV

ÚLTIMO DIA

Num passeio ao lado de Marta me pego pensando no quanto estou ansioso para minha volta à São Paulo. Mas, ao mesmo tempo com um aperto no coração em deixar tudo isso que tenho aqui: cidade agradável e uma família maravilhosa. Voltamos com o assunto da viagem delas, e logo enalteço que seria melhor entrar em contato com Carlos, ele conhecia a SP melhor.

Nossa cidade era pequena, chegamos em casa em um passo só, nem vi às horas passarem, já eram quase 17h. Meu ônibus partia em duas horas, me aprontei, deixando as malas organizadas para não esquecer nada. Aproveitei o pouco tempo que tinha sobrando para conversar com Marta.

- Então, como iremos organizar a ida de vocês? Em relação à loja, minha mãe, nossa casa, onde ficaremos lá. Carlos deu uma ideia.

- Qual?

- A tia Cris, dona do restaurante que trabalho, mora sozinha com o esposo. Posso conversar com ela para que vocês fiquem lá até o dia da volta.

- Não sei, não gosto de incomodar, vou me sentir desconfortável.

O alarme toca me avisando do horário do ônibus. Levantei, me despedi de todo mundo, e fui a caminho da rodoviária. Chegando lá, estavam todos entrando e acompanhei o processo. Agora é só esperar. A viagem é longa.

Houve diversas paradas, estava demorando mais do que o normal. Enquanto isso, pego meu celular para informar a Carlos que já estava a caminho.

Mensagem de texto on (SMS):

- Oi, já estou a caminho, esta tudo bem por ai? – enviei.

-Oi Nando, esta tudo bem sim, tive só um probleminha. – respondeu.

- Que foi que aconteceu?

- Então, não sei explicar muito bem. Mas, estava jogando bola, e senti algumas dores na panturrilha.

- Quando foi isso?

- Há alguns dias. Eu não te avisei antes por achar que seria um incômodo, estava com sua família, decidi esperar tu chegar, mas, creio que não é tão grave.

Mensagem de texto off (SMS):

Conversamos um pouco, queria saber se estava tudo bem com Carlos. Me informou que havia sofrido uma pequena lesão no músculo da perna, porém, ele não sabia explicar o que era, eu como curioso que sou, peguei alguns dos livros da minha mochila e comecei a pesquisar em relação ao sistema muscular até o fim da viagem.

CAPÍTULO XV

PROBLEMAS

Apesar da demora, tinha acabado de chegar em São Paulo. O sentimento da primeira vez que cheguei era o mesmo, a gratidão e a felicidade por ter conseguido estar naquele lugar. O ônibus para, os passageiros descem, pego minhas coisas e vou em direção ao mesmo lugar que me encontrei com Carlos. Peguei um coletivo até chegar na república. No caminho, liguei para o Carlos para saber onde ele estava.

Ligação on
- Fala Nando! - atendeu Carlos.
- Acabei de chegar, onde você tá?
- Estou entrando agora mesmo no hospital.
- Qual hospital?
- Hospital geral de São Matheus.
- Deixei as coisas aqui na república e estou indo para aí.
- Ok! Estou na sala de espera.
Ligação off

Pedi um táxi e fui da república até o hospital. Ao entrar na sala de espera, vi Carlos conversando na recepção e resolvi sentar e esperar ele vir.
- Iai? Ocorreu tudo bem na viagem?- perguntou Carlos sentando na cadeira ao lado.
-Muito! Durante a vinda eu peguei alguns livros e pesquisei o que poderia ter acontecido com você.
- O que achou?
- Você sente cãibra?
- É uma dor tipo a cãibra, não sei identificar, é muito confuso, mal consigo caminhar de tanta dor.
- Pode ser distensão. Li pouca coisa sobre isso, mas, pelo que vi, não é tão grave mesmo. Vamos ter a certeza com o especialista.
- Carlos Tarcisio Ferreira?- chamou a moça do balcão para sala. Ajudei-o chegar até a sala, ele estava sentindo muita dor.
-Bom dia! - Bom dia! - respondi ao médico colocando Carlos sentado na cadeira. O médico perguntou o que havia acontecido, ele explicou desde o início.
- E foi assim que aconteceu, mas, esta manhã, sentiu uma dor aguda e forte. – continuou Carlos.

- Então, Carlos. Pelo seu relato, digo que você esta sofrendo com uma torção violenta muscular dos ligamentos de articulações.
- Seria a distensão? – perguntei.
- Exatamente! A distensão acontece quando um músculo é esticado demais, gerando a ruptura de algumas fibras musculares ou de todo o músculo envolvido. Dor intensa localizada próximo de uma articulação, fraqueza muscular, dificuldade de movimentar a região afeta, sendo difícil permanecer na corrida ou no jogo. Existem 3 graus.
- Estou com muita dor, sinto câimbra de vez em quando.
- Acredito que o seu grau é o 2, nele, há uma pequena laceração no músculo ou no tendão. A dor é mais extensa, durando de 1 a 3 semanas, e pode causar cãibra, indico para você o tratamento o repouso da região afetada e vou te receitar uma pomada e um comprimido anti-inflamatório.

O médico deu o diagnóstico, passou algumas medicações, pomada e repouso. Saímos da sala, na recepção ele ficou esperando eu comprar os remédios ate ir para casa, a farmácia era logo ao lado, não demorou muito. Pedi um táxi e seguimos.

CAPÍTULO XVI

SURPRESA

Tinha esquecido como passava rápido o tempo aqui em São Paulo. Carlos já havia se recuperado. Um mês já havia se passado. Nesse período eu tive a chance de organizar as coisas por aqui para a chegada de Marta e de minha mãe, já estava tudo pronto, ela viriam a passeio. No dia que eu conversei com dona Cris, ela ficou tão feliz que parecia que ia explodir, ela gostava da casa cheia e não se incomodava em nada, disse que a casa era grande o bastante e que ter novas companhias, por mais que temporário, seria ótimo.

Assim que recebi a notícia, falei com Marta, que logo correspondeu da melhor forma.

Com as passagens compradas, já estavam chegando aqui. Não via à hora delas verem todo o mundo daqui de São Paulo. Era dia de segunda-feira, não tinha aula aquele dia, era somente entrega de alguns documentos pendentes. Estava ansioso pela chegada das duas, não conseguia ficar parado, decidi sair, esperar elas no restaurante.

Logo, vejo um táxi parado em frente ao restaurante: eram elas! Fiquei sem entender, chegaram e não me avisaram, estava surpreso!

- Vocês chegaram e não me avisaram? Não acredito!- falei rindo.

- Ahhh não, você estragou a surpresa!- disse tia Cris que acabou de chegar ao meu lado.

- Tu é um estraga prazeres. Havíamos preparado uma surpresa para você, mas, acabou de estragar ela.

Estava surpreso e feliz ao mesmo tempo. Marta vai em direção ao táxi faz o pagamento e volta a conversar conosco.

Quando elas chegaram fomos direto almoçar. Colocamos a mala dentro de um quarto, agradecemos a tia Cris pela ajuda e como sempre ela nos recebeu com um sorriso no rosto. Almoçamos todos juntos: eu, minha mãe, Marta, tia Cris, o esposo e Carlos. Depois de muita conversa, na frente do restaurante, já ficando tarde, nos despedimos.

CAPÍTULO XVII

ANGÚSTIA

Sexta- feira! Aqui na capital, os dias passam rápido e não percebo, hoje já era o quinto dia da chegada da minha mãe e de Marta. Confesso que estava me sentindo um pouco triste, só não entendia o motivo. A família reunida, amigos por perto, trabalhando, estudando. Não entendia o por que , era uma angústia e não conseguia tirar, estava tudo indo tão bem. Marta dormindo na casa de tia Cris, minha mãe acompanhando toda manhã a abertura do restaurante, ficava lá até o horário fechar.

Tentava disfarçar o meu desânimo. Hoje eu iria aproveitar elas aqui em São Paulo, ia levar Marta para onde ela queria, e a próxima era minha mãe, queria sair à sos com cada uma, elas mereceriam tudo que eu poderia oferecer, e assim foi feito. Fui até a casa da tia Cris.

-Oi amor, quero te chamar pra sair amanhã, onde você quer ir? – falei.

- Pra onde quer me levar? – perguntou Marta.

-Bom, eu queria te levar para o melhor lugar de São Paulo, mas, não estou ainda nessas condições. – falei dando uma risadinha.

- Se eu estiver com você, estarei no melhor lugar de São Paulo, então prepara a sua surpresa e eu preparo a minha, tá certo?

Despedi-me com um beijo. Estava ansioso, fiquei pensando o dia todo nessa surpresa que ela iria fazer. Ainda não sabia onde a levaria, o tempo passava e eu só rodava a casa pensando onde levá-la. Não fazia ideia, até que parei, pensei e resolvi que não ia pensar, ia só sair e encontraríamos algum lugar. Perfeito, será de forma inusitada!

5 horas depois

Mensagem on

- Estou pronto, estou esperando você no restaurante.

- Já estou saindo.

Mensagem off

Estava eu, minha mãe e tia Cris a espera de Marta , ainda me sentia um pouco triste, estava me esforçando ao máximo para não transparecer. Estava difícil, poucos minutos depois da mensagem, ela chega:

- Como você está linda.- disse tia Cris

-Vou ter que concordar com ela, você está maravilhosa!- acrescentei o elogio.

- Obrigada!- respondeu com um sorriso no rosto

- Olha só, se cuidem tá? Tomem cuidado. – falou minha mãe.

- Voltamos já!

CAPÍTULO XVIII

LUZES VERMERLHA

O passeio estava sendo incrível. Já tinha passado toda aquela tristeza. Talvez eu realmente estava precisando daquilo. Marta ainda não tinha falado sua surpresa. A minha não foi uma das melhores, mas, acho que ela gostou, levei-a para conhecer alguns lugares de São Paulo. Levei ela pra conhecer a faculdade, o Ibirapuera. Ficamos lá por muito tempo, comemos de tudo e demos muita risadas.

Já estava chegando ao final da tarde. A angústia havia surgido novamente, dessa vez não conseguir disfarçar, era como se sumisse todo mundo do parque, o céu escurecesse de repente, alguém apertasse o meu coração com a maior força.

- O que foi?- perguntou Marta.

-Não, nada, só estou sentindo uma agonia. Vamos ligar pra lá? Ver se tá tudo bem.

- Ué, como assim?- Marta falou rindo.- Você já quer ir?

- Deixa pra lá. Eu não quero ir ainda por que você não mostrou sua parte da surpresa.

- A surpresa não é aqui, vamos. – me puxou pelo braço.

Levantei da grama que estava deitado, entramos no ônibus e seguimos de volta para casa. Havia certas coisas que eu não me acostumava com cidade grande: ambulância, carro de policia, bombeiros, sirenes tocando por todo lado. Na janela do ônibus dava pra enxergar carros de ambulância e bombeiros numa velocidade que obviamente era caso grave, a sirene invadia meus ouvidos, aquilo se tornava insuportável. Fechei meus olhos fortemente, nunca tinha acontecido comigo antes. Marta estava com o rosto virado para o outro lado, não conseguiu perceber.

Descemos no ponto de ônibus, estava caminhando para casa.

-Você ainda não me contou a sua surpresa.- falei.

- Você está muito apressado. Mas, já adianto que está chegando.

- É muito bom?

- É mais que isso.

Ouço a mesma sirene. Tento não transparecer o meu incômodo, mas, é em vão, antes de fechar os meus olhos, percebo que são sirenes de bombeiro e ambulância.- Ei! Tá tudo bem? Calma nem está tão alto, a sirene já virou a esquina.- ao olhar para cima percebo que estava subindo uma fumaça na mesma rua do restaurante, sem pensar duas vezes corremos ao encontro dela, e me deparo com uma cena que eu nunca vou desejar a ninguém. Minha visão estava infestada da cor vermelha, na rua tinha duas ambulâncias, um carro de bombeiro, e o restaurante de tia Cris estava em chamas. Largando a mão da Marta corro em direção ao portão de entrada, sou interrompido por bombeiros, eu só conseguia pensar na minha mãe e tia Cris que estavam lá dentro.

- Cadê minha mãe? Ela tá lá dentro. - com dificuldade de respirar pergunto em um tom alto aos dois bombeiros que me interrompem de passar. - Tem duas pessoas de idade lá dentro.- continuo minha fala.- Oque aconteceu? Pelo amor de Deus. O que aconteceu? - Marta desesperada pergunta olhando para um lado e para o outro, com a mão na cabeça.

- Por favor me responde, é minha mãe que está lá dentro! Eu trabalhava aqui! - falo diretamente olhando nos olhos de um dos bombeiros.

- Senhor se acalme, aconteceu um vazamento de gás e....- sem esperar ele terminar de falar tento entrar novamente, de lá de dentro estava saindo duas macas, uma delas, com uma pessoa deitada, reconheço que é minha mãe, me solto do homem que me segurava, e vou correndo até ela.

- Mãe, o que aconteceu? Você vai ficar bem!- ainda com dificuldade de respirar, falei olhando nos olhos dela que estava toda queimada, o rosto estava irreconhecível, mal podia ver quem era, a cena era horrível.

- Vo-você... – ela tentou falar, mas, não conseguiu terminar a frase.

- Não fala! Eu vou acompanhar você até lá. Ela vai ficar bem? Eu posso acompanhá-la.- perguntei a moça que dirigia a maca.

-Infelizmente não vai poder, tá muito grave, se quiser pode nos encontrar no hospital San Drummond.- com muita pressa, ela é encaminhada para dentro do carro.

Em meio a correria me encontro com Carlos no chão chorando, parte da roupa estava queimada.

-Carlos, levanta, vamos! Hospital San Drummond! Vamos, as duas estão lá.

-Não, só sua mãe está lá Fernando.- diz Carlos.

- Como assim? – pergunto.

- Eu não vi tia Cris saindo daí ainda, ela está lá dentro! – responde.

- Não está! Confia em mim, eu vi as duas na maca, estão indo para o hospital agora! – falo.Consegui convencê-lo que estava certo, estávamos indo a caminho do hospital.

CAPÍTULO XIX

O ÚLTIMO PIIII

Chegando na emergência me separo de todo mundo, e me encontro com um enfermeira que estava a minha procura.

- Eu não deveria fazer isso, mas, infelizmente a sua mãe esta morrendo e ela quer falar com você.- disse pegando no meu braço e me levando até minha mãe.

- Mãe! Fica aqui, você aguenta, você é forte, vamos! Desiste não.- ela me olha com um olhar baixo engolindo a saliva.

- Eu aguentei até aqui, só pra poder falar pra você..- sussurrando com muita dificuldade.

- Calma, aguenta firme. - eu estava chorando muito, não conseguia aguentar o peso de saber que ia perder minha mãe e meu pai em menos de 2 anos.

- Fernando. - a fala dela é interrompida por outra enfermeira.

- Você não pode ficar aqui, saia por favor. – diz uma enfermeira.

- Só um minuto por favor, me solta.- Volto para perto da minha mãe, onde ela abre a palma da mão que tem uma pulseira colorida feita a mão escrita“seja bem-vindo”, a pulseira estava intacta, ela protegeu o tempo todo.

- O que é isso?- perguntei soluçando em choro.

- Marta e eu estávamos planejando uma surpresa.- ela entrega a pulseira na minha mão.- Ao sair daqui eu quero que você não olhe para trás e dê um abraço nela.

- Moço, infelizmente, vou ter que te tirar a forças. – insistiu a enfermeira.

- Você va-vai ser pai meu filho. – falou minha mãe bem baixinho.

Neste momento eu apertava a pulseira na minha mão, os seguranças me levando para fora da sala, não estava ouvindo mais nada, era como se estivesse só eu e ela naquele hospital, e o “piii” da máquina só confirmando que eu realmente tinha perdido minha mãe.

Demorou muito pra eu sair do meu tranze, até ver Marta, eu olho pra ela naquele corredor, abro minha mão mostrando a pulseira. Ao ver o que eu estava segurando, ela me abraça, e novamente eu não consigo ouvir mais nada, eu estava absolutamente perdido.

CAPÍTULO XX

UM MOMENTO DE FELICIDADE

10 anos depois...

Segunda feira, meu chamego por segunda feira continuava, dia de renovação, mas, para mim acho que seria a mesma coisa, hoje era dia de plantão no Hospital Monsenhor Berenguer. Estava na hora de atender meu primeiro paciente do dia.

-Cristiane Alencar do Rosário.- chamei a primeira paciente.

-Bom dia doutor . - a voz era conhecida.

-Ah, não acredito! Tia Cris, que bela visita! Veio ser minha primeira paciente do dia, estou com sorte.

- Sim. Não poderia deixar de ver vocês dois atuando. Vi Carlos e só faltava ver você.

- Você veio de São Paulo só pra ser atendida por mim? Que honra!

-Exatamente!

- Mas, então, a senhora está com algum problema?

- Problema? Que problema?

- Ué? A senhora não veio se consultar?

- Ah não. Só marquei consulta pra te ver mesmo, mas, só pra não perder a consulta, existe alguma forma do meu cabelo nessa região voltar a crescer?

- Bom, então, vamos imaginar que sua pele é um tecido, cujo na biologia é o tecido epitelial de revestimento, logo a pele é formada por camadas, sendo a epiderme a mais externa. Está entendendo?

- Sim, prossiga!

- Abaixo dela há a derme e sob esta, a hipoderme. Quando este tecido sofre queimaduras, costumamos classificar a lesão em graus, de acordo com a camada atingida, no seu caso foi o mais grave, tendo a reação de não crescer mais pelos, por exemplo. Nesta parte do couro cabeludo foi queimada os folículos pilosos foram totalmente destruídos e só restou uma grande cicatriz no lugar. Entendeu?

- Então eu não vou ter mais cabelo?

- Naaaao! Não é isso, tem tratamento sim, é cirúrgico e feito por cirurgiões plásticos. Para cobrir com cabelos toda esta área, precisaremos colocar um expansor de silicone que será preenchido semanalmente até esticar bem a pele com cabelos e, então, ele é retirado juntamente com toda a cicatriz, e a pele "esticada" deverá cobrir todo o defeito. O cabelo crescerá normalmente nesta área.- finalizei com o sorriso no rosto, continuamos o atendimento até ela ir embora.

O dia foi se passando e os atendimentos estavam fluindo bastante, a cada hora que se passava eu tinha certeza da profissão que escolhi, como era um dos meus primeiros plantões na cidade de Monte Santo, estava vindo várias pessoas conhecidas.

Uma delas foi o pai de Marta, esteve aqui com queixa de muita vontade e dor frequente ao urinar, dei o diagnósticos um possível prostatite, que é uma inflamação da próstata que provoca um crescimento anormal da glândula, causando dor, desconforto e impedindo a passagem da urina. A maioria dos casos de prostatite tem relação com infecções bacterianas; porém, também podem ser causados por vírus, fungos e outros agentes. Mas logo recomendei um profissional urologista para ele.

Terminei os atendimentos daquele dia. Carlos narrando

Hoje era dia de plantão, semana que vem iria ser no mesmo hospital que Fernando. Queria contar a grande novidade pra ele, Alice esta grávida de gêmeos, eu estava tão feliz por esta construindo uma família com uma pessoa que eu conheci num dia tão terrível. Aquele dia no hospital, a enfermeira, tão doce, tão delicada. Alice foi a enfermeira que deixou Fernando dá seu último adeus a mãe. Nos conhecemos lá, daí então nos encontramos novamente na faculdade, ela 1° período, e eu no 2°, desde então nos aproximamos e estamos hoje aqui. O restaurante da tia Cris continua vivo, foi reconstruído e esta a venda, eu continuava cuidando de tia Cris, mas, de longe. Tia Cris e o marido haviam se mudado para a Bahia depois do episódio trágico.

Estava chegando em casa, havia acabado de terminar meu plantão, Alice ainda estava tendo suas ultimas aulas.

-Oi cheguei, tá fazendo o que? – perguntei.

- Estudando anatomia do sistema reprodutor feminino.

- Hum... Quer ajuda?- falei colocando minha mochila na cadeira.

- Não, você deve estar cansado. Tá tudo bem, eu consigo.

- Tô nada, vamos lá, que dúvida está tendo?

- Ele é formado por quantos órgãos, 5 ?

- Não, meu amor. Olha o sistema reprodutor feminino, é formado pelos seguintes órgãos, os ovários, tubas uterinas que também são duas, útero e vagina.

- Somente eles?

- Ok! Vamos por parte, aqui no seu livro diz que o aparelho genital feminino é formado pelos órgãos genitais internos e externos. Os órgãos internos são: vagina, ovários, trompas de Falópio e útero ou tubas. Os órgãos externos são monte de Vênus que é o monte púbico, e vulva, que engloba os grandes lábios, os pequenos lábios e o clitóris. Beleza?

- Beleza! Continua.

-Eu gosto de estudar sobre o sistema reprodutor feminino, ele cumpre diversos papéis importantes, isso é muito legal.

- E quais são eles?

-Bom, produz os gametas femininos, fornece um local apropriado para a ocorrência da fecundação, permite a implantação de embrião, oferece ao embrião condições para seu desenvolvimento e também executa atividade motora suficiente para expelir o novo ser quando ele completa sua formação.

-Caramba! Eu sou cheia de funções assim?

-Sim! Viu o quão incrível você é? Quando terminar me avisa que a gente já vai para o aeroporto tá?- dei um beijo e fui para o banho.

Fernando narrando

Acordei, fiz minhas rotinas matinais, preparei o café e já ouvi os passos.

-Papai! - toda manhã quando ele acorda, me recebe com esse abraço, me fazendo beijar a pulseira colorida que ficava em meu braço, era um amor que não cabia no meu peito.

- Bom dia amor. - Marta que acaba de chegar a mesa me dá um beijo e um abraço.

- Já acordados? - falei correspondendo o abraço dos dois.

- Sim, hoje o tio Carlos chega né? - disse Caio sentando-se na cadeira.

- Ah, então tá explicada toda essa felicidade. - falou Marta.

- Simmm. – disse Caio animado.

Carlos precisaria vir dar plantão aqui no hospital que trabalho, aproveitamos a oportunidade para passarmos o tempo junto com as nossas famílias. E assim fizemos. Carlos, a esposa e agora os gêmeos que estavam esperando, vieram e se hospedaram aqui em casa. Foi um fim de semana muito bom. Tudo estava indo bem.

CAPÍTULO XXI

A VERDADE

Me chamo Marta Manuela da Silva, sou mãe de Maria Júlia, e casada com Felipe. Uma vez por mês venho aqui na Holiste, uma clínica psiquiátrica aqui de Monte Santo, visitar o grande amor da minha vida: Fernando.

Estávamos bem, éramos felizes, nos amávamos. Mas, após o acontecido da morte do pai dele e a morte do nosso bebê por aborto espontâneo, Fernando começou a se apresentar de forma diferente. Começou a se isolar, dizia que pessoas queriam afasta-lo de mim. Não me deu escolha á não ser terminar o casamento e seguir minha vida afastada dele. Fernando se tornou alguém agressivo, fechado e afins. Não tinha como manter uma relação com ele, nem que fosse de amizade. Portanto, buscava sempre saber como ele tava à partir da mãe dele. Ela cuidava certinho dele. Mas, algum tempo depois, ela ficou doente e faleceu. A situação de Fernando piorou, ele insistia em dizer que colocaram fogo na mãe dele, só que na verdade ela foi vítima de uma doença.

Com a piora de Fernando, o restante da família achou melhor interna-lo. E assim foi feito. Fernando foi diagnosticado com esquizofrenia no auge da sua juventude, tinha 26 anos quando foi internado.

Desde então, segui minha vida. Mas, todo mês venho visitá-lo, saber como ele está. Já faziam 45 anos que eu seguia essa rotina todos os meses. E, não me arrependo de nada. Sempre me falaram que existia o amor da minha e amor para a minha vida. Sei que Fernando não era o amor para a minha vida, mas, era o amor da minha vida.

- Bom dia, dr. Antônio! Como ele está?

- Bom dia, dona Marta! Já estava sentindo falta da sua visita. Ele está bem, na medida do possível. O passatempo favorito dele agora é escrever. Ele insisti em dizer que está escrevendo o livro da sua vida.

- Posso vê-lo?

- Sim, claro. A enfermeira irá te acompanhar até a sala que ele está.

O observo de longe. Gostava de observá-lo todas as vezes. Depois, vejo que ele volta o olhar para mim. Fernando não me reconhece mais, só lembrava de mim quando eu era jovem. Até hoje ele insiste em dizer que Marta, a esposa dele, foi embora.

Ao me aproximar, sento na frente dele e pergunto:

- Posso ver o que está escrevendo?

Ele não me responde, só inclina e entrega aqueles papéis. Quando pego o “livro” vejo: O paralelo da felicidade. Passei o olhar rápido pelos primeiros capítulos e vi que meu nome havia sido citado várias vezes. Não contive as lágrimas e logo Fernando inclina novamente para puxar as folhas que havia me dado. Devolvo-o e me retiro da sala. Converso com o médico, me disperso e volto pra casa. Cada mês que ia vê-lo, ao sair de lá, sentia um alívio de ver que ele estava bem.

Passaram-se cinco meses, continuava indo todos o meses vê-lo. No entanto, esse mês foi diferente. Faltavam três dias para que eu fosse visitá-lo. Porém, recebo uma ligação:
- Marta? Sou eu, dr. Antônio, aqui do Holiste.
- Oi doutor. Tudo bem?
- Tudo sim. Queria que você viesse até a clínica. Está podendo?
- Sim, sim. Chego aí logo.
Me dirigi até a clínica. Ao chegar lá, tive a notícia que Fernando havia descansado. Ele teve uma parada cardíaca e não resistiu.
Antes de ir embora, o doutor falou que precisava me entregar uma coisa, era o livro.
Antes de chegar em casa, parei em uma cafeteria e comecei a ler. Li toda a obra de Fernando. A cada capítulo que lia, me acabava em lágrimas. Fernando terminou o livro construindo uma família comigo. Sim, mais uma confirmação que Nando era o amor da minha vida. Ele tinha planos pra nós dois.
E, assim se fechou mais um ciclo da minha vida. Me despedi de Fernando e publiquei o livro dele. Fez o maior sucesso. Estava realizada e sei que de onde ele estivesse, estaria feliz também.
É isso. “Nando, não é um adeus. É um até mais.”

FIM.

Referências

ADDOR, F.A.S'A. Dermatite atópica: correlação entre estado da barreira cutânea em pele não lesionada e atividade da doença. 143p. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: < http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5133/tde23012009-113736/en.php > Acesso em: 26/07/2012.

CRISPÍN JC, LIOSSIS SNC, KIS-TOTH KS, et al., "Patogênese do lúpus eritematoso sistêmico humano: avanços recentes," Trends in Molecular Medicine , vol. 16, não. 2, pp. 47–57, 2010.
Veja em: Site da Editora | Google Scholar

GRUMACH, A.S. Alergia e imunologia na infância e na adolecência. In CASTRO, A.P.B.M. São Paulo: Ateneu, 2001. p. 185-198

HERNANDEZ AJ. Distensões e rupturas musculares. In: Camanho GL, editor. Patologia do joelho. São Paulo: Sarvier; 1996. p. 132-8

ht tp : //gl.g lobo.com /ceara/ no ti ci a/2017/01/ tratame n to -de-q uei madura-com -pele-de-pei xe-e- usad o-em-56-paci e ntes. htm l ht tp: //www.d er matolo gi a. ne t /a -pele / ht tp: //www.e ba h.com .br /conte nt /AB A AA A 7C 0AE /quei maduras

KENNY AM, PRESTWOOD KM. Osteoporosis. Pathogenesis, diagnosis and treatment in older aldults. Rheum Dis Clin North Am. 2000:26(3):569-91. Review.

KIERSZENBAUM, A. L. Histologia e Biologia Celular – uma introdução à patologia. Eselvier, 1a ed., 2004

KISS A, ROSA RFM, ZEN PRG, PFEIL JN, GRAZIADIO C, PASKULIN GA. Anormalidades cromossômicas em casais com história de aborto recorrente. Rev Bras Ginecol Obs. 2009;31(2):68-74.

MORALES-MACHÍN A, BORJAS-FAJARDO L, ZABALA W, ALVAREZ F, DELGADO W. Polimorfismo C677T del gen de la Metiltetrahidrofolato Reductasa como factor de riesgo en mujeres con aborto recurrente . Invest Clin. 2009; 50 (3): 327-33.

OLIVEIRA IVPM, DIAS RVC. Cicatrizaçao de Feridas: Fases e Fatores de Influência Acta Vet Bras. 2012;6(4):267-71.

PEDRINELLI A, FERNANDES TL, THIELE E, TEIXEIRA WJ. Lesão muscular - ciências básicas, fisiopatologia, diagnóstico e tratamento. In: Alves Júnior WM, Fernandes TD, editors. Programa de atualização em traumatologia e ortopedia (PROATO). Porto Alegre: Artmed; 2006. p. 10, 32.

XU G, Wu Y, YANG L, YUAN L, GUO H, ZHANG F, GUAN Y, YAO W. Risk factors for early miscarriage among Chinese: A hospital-based case-control study. Fertil Steril. 2014; 101 (6): 1663-70.

https://www.rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/10124/9861

https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-121655

O PARALELO DA FELICIDADE

O AMOR PODE ULTRAPASSAR BARREIRAS E DURAR UMA ETERNIDADE